

# Fausel e Aust: dois expoentes da literatura.

José Luís Félix<sup>1</sup>

*da ist eine Heidelandschaft oder ein Sonnenuntergang, und da steht ein junger Mann oder ein Fräulein, hat eine melancholische Stimmung, und nun entsteht ein Gedicht. Nein, so entsteht kein Gedicht. Ein Gedicht entsteht überhaupt sehr selten — ein Gedicht wird gemacht. Wenn Sie vom Gereimten das Stimmungsmäßige abziehen, was dann übrigbleibt, wenn dann noch etwas übrigbleibt, das ist dann vielleicht ein Gedicht.<sup>2</sup>*

Gottfried Benn

**Titel:** Fausel and Aust: Two exponents of literature.

**Titel:** Fausel und Aust: zwei Exponenten der deutsch-brasilianischen Literatur.

**Palavras-chave:** poetas; literatura; imigração; alemão; Brasil

**Schlüsselwörter:** Dichter; Literatur; Einwanderung; Deutsch; Brasilien

**Key-words:** poets; literature; immigration; german; Brazil

## Introdução

A relação Brasil-Alemanha remonta ao tempo do descobrimento. É o que mostra a história de Hans Staden (1525-1579), cujos relatos em alemão podem ser considerados como a segunda certidão de nascimento do país. Desde então, esta relação só se

---

<sup>1</sup>Doutor, professor da Área de Alemão do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP; Email:felixzeluis@gmail.com

<sup>2</sup> Uma paisagem ou um por do sol e ali um jovem e uma jovem, um clima melancólico e aí surge um poema. Não, não é assim que surge um poema. Um poema só raramente surge – um poema se faz. Se se retirar do texto em rima o clima de motivação, então o que sobra e se então sobrar alguma coisa, então isto talvez seja um poema. (Benn 1951:6 - tradução nossa)

intensificou e os alemães de todo mundo se tornaram os imigrantes mais influentes do país.

Se, no início, a influência alemã foi marcada pela curiosidade de conhecer o novo mundo e pela construção do imaginário europeu sobre as terras longínquas, três séculos depois ela se pautou por uma colonização alemã no rastro da princesa austríaca Leopoldine von Habsburg-Lothringen (1797-1826). Tratava-se de um programa de imigração promovido pela princesa e com o objetivo de preenchimento de vazios demográficos e de proteção das fronteiras. Esta fase inicial da imigração pode ser caracterizada pelo colono, aquele que quer vir, que tem condições financeiras para emigrar e sabe algum ofício.

Outros movimentos migratórios de alemães sucederam-se no bojo deste projeto, trazendo alemães para o Espírito Santo, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Minas Gerais. O governo de Pedro II acelera a vinda de alemães e as colônias antigas se desdobram em novas colônias. Intensificam-se as instituições e fortalecem-se estas colônias, produzindo alimentos para os centros maiores como São Paulo e Rio de Janeiro.

O artesão da Europa, agora desempregado pela industrialização, vê no Novo Mundo chances para um recomeço. O Brasil quase não tinha artesãos e estes alemães carpinteiros, ferreiros, costureiros, músicos, professores e militares encontram aqui muitas oportunidades. As colônias prosperam e as cidades se beneficiam disto.

São estes alemães que dominam a floresta virgem e plantam, produzem os alimentos básicos e fornecem os grandes centros em expansão. São estes alemães que constroem casas, viadutos, pontes, linhas de comunicação, transmissão entre litoral e interior do Brasil. São estes alemães que constroem igrejas e escolas para continuar a formação religiosa e intelectual de seus descendentes. E esta orientação intelectual era diretamente ligada ao catolicismo ou ao luteranismo.

Os imigrantes pressionaram o Estado em favor de escolas públicas. Mas no período mais intenso da imigração, a partir de 1890, o Brasil tinha um sistema escolar altamente deficitário, com uma população de mais de 80% de analfabetos. Não tendo condições ou política prioritária para a oferta de escolas, o governo estimulou os imigrantes a abrirem escolas étnicas. (KREUTZ 2000:161)

No final do século XIX as colônias formam núcleos de sucesso econômico, intelectual e político. Os imigrantes e descendentes das primeiras levadas estão bem

financeiramente e compram novas áreas em outras regiões, abrindo novas colonizações e atraindo mais alemães. Do sul ao sudeste brasileiro os alemães espalham-se e estendem-se ao interior. Constituem uma frente de civilização para ocupação do oeste brasileiro. Avançam na zona rural e engrossam também as zonas urbanas.

Se a igreja e a escola parecem formar de um lado o esteio deste processo civilizador, de outro, ganham importância os recursos impressos para sustentar este mecanismo de colonização. Jornais, revistas, anuários e livros são importados e/ou publicados no entorno da colônia para abastecer as associações e agremiações alemãs, apregoando os valores das culturas alemãs e brasileiras, em estreito contato, quando não já em processo de miscigenação.

Neste contexto de esforço para preservar a identidade alemã ou para criar uma nova identidade em solo brasileiro, diversos intelectuais das diferentes áreas de colonização publicam seus textos, suas experiências, fazem tradução, escrevem poesia e promovem debates em associações e reuniões sobre o futuro destas colônias e desta imensa germanização no Brasil.

As publicações de textos literários, prosa ou poesia, seguem o curso histórico e alinham-se com suas premissas. Uma maior ou menor liberdade política no processo criativo destes textos pode ser verificado quando se analisa a qualidade destas produções. A ditadura de Vargas e o contexto da II Grande Guerra parecem ser mesmo o limiar destas etapas. Textos anteriores contêm um apelo maior à tradição alemã. Textos posteriores dão conta de uma necessidade de adaptação à nova realidade alemã em território brasileiro, pressionados pelo processo de nacionalização. A criatividade e o ganho literário parecem fortalecidos depois do esforço em valorizar autores brasileiros, via tradução para o alemão. Mas é a produção de literatura própria, explorando a realidade local da colônia, a cultura brasileira e também as formas de expressão desta nova pátria que vai contribuir mais significativamente para a literatura destes imigrantes e descendentes de alemães no Brasil.

## **O que diz a crítica**

Esta literatura produzida em alemão pelos imigrantes e descendentes é, ainda hoje, pouco conhecida, quer pelo fato de estar em língua inacessível a muitos brasileiros, quer pelo fato de ficar perdida nos acervos de famílias ou escondidas como algo perigoso que poderia revelar origens.

De todo modo, esta literatura chamou a atenção de alguns críticos que se puseram a estudar esta produção e avaliá-la em alguns momentos históricos. Rosenthal (apud FLEISCHER 1981: 51), ao fazer uma palestra sobre a produção lírica dos imigrantes no Brasil nas cidades de Berlim e Tübingen, na Alemanha, no ano de 1966, toma como parâmetro os poetas modernos brasileiros e os herméticos italianos, concluindo que falta a esta literatura um contato com a língua viva, decorrente do isolamento além-mar, que expressa uma capacidade insuficiente de visão e sem crítica interna. Quanto à temática, considera-a ultrapassada e lamenta que estes poetas alemães-brasileiros não tenham se aproximado dos poetas modernos da Semana da Arte Moderna.

Marion Fleischer fala de uma literatura teuto-brasileira que “...caracteriza-se por uma visão de mundo bastante estática, pouco propensa a reflexões sobre a realidade subjetiva e objetiva em que vive o homem moderno” (FLEISCHER 1981: 21).

Aulich, centrado nos escritos sobre a experiência de imigração afirma:

no que respeita à sensibilidade estilística, expressividade linguística e composição temática, parece incontestável que mesmo o melhor poeta teuto-brasileiro não alcança senão o nível médio de um escritor europeu. Mas também é indiscutível que esses dois valores distintos devem ser medidos de duas maneiras, sendo necessário chegar a critérios diferentes para se possibilitar a avaliação equitativa de um fenômeno recente, único e isolado. (AULICH apud FLEISCHER, 1981: 22).

R

Ribeiro de Sousa (2016:46-47) faz excelente reflexão sobre a natureza desta literatura e propõe denominá-la como “literatura brasileira de expressão alemã”, uma vez que a designação “teuto-brasileira” remete à imprecisão e desconhecimento. Identifica, entretanto, “uma espécie de sutil, elegante e persistente rejeição”, especialmente no âmbito da pesquisa acadêmica.

De fato, os estudos críticos sobre esta literatura, publicados até agora, se não ajudam a criar essa resistência, não contribuem para desfazê-la, ora porque se baseiam em teorias literárias passadas, marcadas pelo impressionismo, pela estilística, pelo new criticism, pelo formalismo russo e pelo estruturalismo, ora porque examinam um corpus, um recorte, uma amostragem muito pequena. (RIBEIRO DE SOUSA 2016:47)

Ribeiro de Sousa conclui que esta literatura é “passível de ser examinada, para além da abordagem estritamente poética, à luz das teorias contemporâneas da cultura...”. (RIBEIRO DE SOUSA 2016:70)

Já demonstramos que a reflexão gramatical dos alemães esteve intimamente ligada com a reflexão gramatical dos brasileiros (FÉLIX, 2004). Parece imprescindível retornar ao conjunto desta literatura e observar novamente sua temática, seus recursos estilísticos e sua retórica poética. Apesar da crítica negativa, esta literatura vem sendo resgatada, traduzida e comentada para compor um amplo espectro do cânone literário brasileiro. Por isso, escolhemos para análise dois poemas que representam bem esta literatura.

## Poema 1 - “Quantos sonhos se vão” de Fausel

1 Wie viele Träume gehn verloren  
 2 schaumgeboren,  
 3 im Augenblick der Nacht bewusst,  
 4 unwiederbringlicher Verlust  
 5 am wachen Tag.  
 6 Wie oft ich offenen Auges lag,  
 7 um ihren Stern im Fallen noch zu greifen,  
 8 in steilem Sturz, in krausen Schleifen  
 9 verschwinden sie. Wohin?  
 10 Ich weiss zwar, dass ich bin,  
 11 doch rascher Träume Flug  
 12 zeigt noch genug,  
 13 dass mehr besteht  
 14 als was dich unser Auge geht.

(FAUSEL 1961: 39).

1 Quantos sonhos se vão  
 2 nascidos feito espuma,  
 3 num momento noturno consciente,  
 4 perda irreparável  
 5 no dia fremente.  
 6 Quantas vezes me deito de olhos abertos,  
 7 para flagrar suas estrelas cadentes,  
 8 em queda livre, em riscos videntes,  
 9 desaparecem. Para onde ?  
 10 Até sei que sou eu,  
 11 vôo de sonhos rápidos  
 12 Sim, mas mostre pois,  
 13 que existe mais do que sois,  
 14 mais do que nossos olhos conseguem ver.

(tradução nossa)

Antes de entrarmos na essência dos poemas, convém citar Junqueira quando discute se a poesia é traduzível ou não:

[...] toda tradução é uma busca de equivalências entre aquilo que escreveu o *homo faber* no original e aquilo que resgatou o *homo ludens* em sua tradução, ou seja, aquele que nos serve a poesia “alheia”. A rigor e sem exagero, a tradução exige esforço mais extenso e intenso do que a criação propriamente dita, sobretudo quando se trata do traslado de textos poéticos,[...]. (JUNQUEIRA 2012: 4).

Concordando com esta reflexão, optamos por apresentar o poema original de Erich Fausel e nossa tradução livre ao lado, enumerando os versos para facilitar e

localizar melhor a compreensão do leitor. Cabe esclarecer que o poema está transcrito aqui tal como se apresenta em sua publicação no livro *Gedichte* pela Editora Rotermund de São Leopoldo em 1970. Portanto, o poema não tem um título e nem uma subdivisão em estrofes. Também é importante dizer que a tradução tenta expressar a essência do conteúdo do poema e alguns aspectos de sua forma. A interpretação que fizemos, no entanto, é baseada somente no texto original.

O autor Erich Fausel nasceu no Sudoeste da Alemanha, na cidade Reutlingen, no dia 4 de fevereiro de 1904. Estudou em Tübingen e Marburg de 1922 a 1926, quando se dedicou à história e às línguas modernas. Em 1927, fez doutorado na Universidade de Tübingen (*Das Zipser Deutschtum*: Jena: Gustav Fischer, 1927), demonstrando já naquela época uma preocupação com a germanidade dos imigrantes. Viajou para a Noruega, Suécia, Finlândia e França até 1929 e depois foi professor na Suábia, Alemanha. Em 1931 emigrou para o Brasil, quando assumiu contrato de professor no Ginásio Alemão de São Leopoldo/RS e, paralelamente, iniciou colaboração em diversos periódicos da já formada imprensa destinada especialmente aos falantes de alemão no Brasil. Em 1933, casou-se com Anna Rotermund, filha do pastor Wilhelm Rotermund e o mais influente pastor luterano no meio alemão daquela época, inclusive com uma casa editora de mesmo nome e com o anuário Rotermund circulando pela colonização alemã, mormente de confissão luterana. Fausel prosseguiu seu trabalho de intelectual e professor no sul do Brasil, trabalhou com teatro, viajou ao Chile, à Argentina e à Alemanha. A partir de 1942, ocupou-se de variadas traduções e em 1945 ajudou poetas e intelectuais alemães, valendo-se de sua experiência. Em 1947 foi professor de artes e história da literatura na Escola Superior de Teologia de São Leopoldo/RS. Por sua carreira profícua e respeitada, colecionou ainda vários prêmios e esforçou-se para ver publicada sua tradução d'*Os Sertões* de Euclides da Cunha, do que conseguiu somente uma leitura nas emissoras de rádio da Alemanha. Erich Fausel faleceu em 20 de junho de 1963, em São Leopoldo/RS, deixando grande legado intelectual sobre poesias com teor filosófico e teológico, sobre literatura, traduções e estudos linguísticos.

O poema “Quantos sonhos se vão” revela uma auto-reflexão do poeta sobre seus rumos e sua trajetória. Embora o autor não indicasse a estrutura do poema, apresentando os versos seguidamente, sem estrofes marcadas, nota-se pela expressão de seu conteúdo uma divisão em 3 estrofes. A primeira (L1-5) retrata os sonhos noturnos que se perdem feito espuma e que já não são recuperáveis no dia seguinte. A segunda (L6-9) mostra o despertar do poeta, identificando-se, para contemplar as estrelas e compará-las aos

sonhos, caindo em queda livre e em riscos no céu, desaparecendo não se sabe para onde. A terceira (L10-14) conclui afirmando que riscos no céu e as estrelas cadentes são o próprio poeta confundido com sonhos rápidos e que devem lhe mostrar que existe muito mais no mundo do que aquilo que seus olhos são capazes de ver.

Ainda quanto à forma cabe mostrar as aliterações nas linhas 6, combinando os termos *oft* e *offnen* ou, então, nas linhas 7 e 8 com os termos *Stern*, *steil*, *Sturz* que revelam uma graça ainda maior à rapidez dos sonhos e das comparações com as estrelas cadentes.

As rimas deste poema parecem ser do tipo emparelhada, mas todas distintas e, portanto, não repetidas e de categoria gramatical diferente. Na métrica predominam os versos de 8 sílabas, alternados por versos de 4 sílabas. Esta construção parece permitir um ritmo semelhante à produção de sonhos e estrelas cadentes, ao modo das aliterações acima. O ritmo só é quebrado no final do poema, quando os versos ficam menores e quase idênticos, assegurando um momento de consciência do eu-poético que se dá conta de uma realidade muito maior que seus olhos não conseguem contemplar.

Por último, cabe destacar que o poema se distancia das formas então cultivadas na tradição poética. Inova sem a presença de um título e sem a estrutura em estrofes. A disposição dos versos e dos sintagmas em cada verso permite uma leitura cruzada, dando a impressão de que os sonhos são mesmo à noite e a perda dos mesmos acontece de dia. Ou então, uma interpretação de que os sonhos também acontecem de dia. Desta forma, os recursos poéticos contidos neste poema parecem demonstrar uma qualidade do poeta e uma relativa modernidade no tratamento da poesia.

## Poema 2 - “A Balada do Fazer-o-bem”, de Aust

### Die Ballade vom Gut- Tun

1 Es kam da einer von weither  
 2 Und sagte, dass er kein Fremder wär.  
 3 Sie aber machten Gesichter.

4 Er ging zum Fluss, fing einen Fisch, -  
 5 Legt' ihn für alle auf den Tisch.  
 6 Sie aber machten Gesichter.

7 Am Morgen in den Busch hinein,  
 8 Kam abends er mit Wildbret heim.  
 9 Sie aber machten Gesichter.

10 Am nächsten Tag ging er auf's Feld  
 11 Und hat es wie ihr Knecht bestellt.  
 12 Sie aber machten Gesichter.

13 Da brach beim Nachbar Feuer aus, -  
 14 Er trug aus den Flammen das Kind heraus.  
 15 Und ansahen sich die Gesichter.

16 Kein Tag verging, wo er nicht mit  
 17 Den Anderen um das Du-Wort stritt.  
 18 Sie aber machten Gesichter.

19 Am Samstag-Abend froh im Kreis  
 20 Sang er dem Gut-Tun Lob und Preis.  
 21 Es blieben die gleichen Gesichter.

22 Am Tag des Herrn, in aller Früh,  
 23 Sprach er: dass er nun weiterzieh.  
 24 Da machten sie Gesichter.

25 Er wanderte zum Dorf hinaus,  
 26 Am Rock einen winzigen Blumenstrauss  
 27 Und hinter sich ihre Gesichter.

28 Und als er schon ganz ferne war,  
 29 Da fragte eins: wer war der Narr?  
 30 Da wandten sie ihre Gesichter.

(AUST 1961: 54)

### A Balada do Fazer-o-bem!

1 Aí veio um cara de longe  
 2 E diz que não era o que diz  
 3 Mas as pessoas torceram o nariz!

4 Ele foi ao rio, pescou um peixe.  
 5 Colocou-o à mesa, ali para todos.  
 6 Mas as pessoas torceram o nariz!

7 De manhã, foi à mata.  
 8 Retornou à noite com uma paca.  
 9 Mas as pessoas torceram o nariz!

10 No dia seguinte, foi ao campo.  
 11 Trabalhou com os outros um tanto.  
 12 Mas as pessoas torceram o nariz!

13 Aí pegou fogo na casa do vizinho.  
 14 Ele salvou a criança do seu ninho.  
 15 E as pessoas ficaram assistindo!

16 Não passou um dia sem quê,  
 17 Ele tratasse os outros por você.  
 18 Mas as pessoas torceram o nariz!

19 No sábado à noite tava feliz na festa  
 20 Cantou na testa a balada do fazer-o-bem.  
 21 Mas as pessoas não mudaram também!

22 No domingo, bem cedinho.  
 23 Falou que ele queria ir embora, de fininho.  
 24 Aí as pessoas ficaram espantadas!

25 Ele emigrou para outra cidade.  
 26 Na roupa, uma flor diferente de verdade.  
 27 E atrás dele ficaram aqueles cara-metade!

28 E quando ele já ia bem longe,  
 29 Aí um perguntou: quem era aquele louco de paixão?  
 30 Daí as pessoas mudaram de expressão!

(tradução nossa)



Novamente optamos por apresentar o original do poema à esquerda para orientar os comentários de análise e transcrevemos o texto da publicação tal como se apresenta no livro, inclusive no que diz respeito à ortografia e pontuação. À direita, colamos nossa tradução, novamente livre para garantir o conteúdo e alguns aspectos formais. Ambos seguem enumerados para melhor orientar a compreensão dos comentários.

O autor deste poema é Benno Alfred Aust (1897-1986). Nascido na Silésia e em família culta, estudou em Breslau e obteve a conclusão escolar de “comerciante de livros”. Em 1918 publicou seus primeiros poemas no volume intitulado *Golgatha*. Em 1925 reuniu seus poemas no livro *15*. Escreveu curtas cenas de teatro, esquetes, operas, canções, além de textos sobre cultura e arte, demonstrando envolvimento com literatura e música. Depois da II Guerra e livre das prisões, atuou como docente na escola superior de Salzgitter-Bad. Foi premiado e reconhecido poeta na Alemanha antes de emigrar para o Brasil. Passou a viver em São Paulo desde 1951, onde fez leituras e recitações na Faculdade de Filosofia da USP e editou o livro *Poesia Alemã no Brasil* (1954). Fundou o grupo “Studio-59” com o objetivo de levar aos palcos e colocar em discussão os clássicos da literatura, fato este lembrado em *Sônia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?*, de Maria Thereza Vargas. Benno Aust faleceu em São Paulo aos 7 de agosto de 1986 e seu poema “A balada do fazer-o-bem” está inserido no livro de poesias *Brasilianisches Tagebuch 1951-1960*.

O poema é uma balada no estilo brechtiano. Conta a história de um forasteiro que tenta se integrar no seu novo ambiente social, mas as pessoas não dão a devida atenção ao sujeito. Ele faz todas as coisas boas: traz um peixe, uma caça, trabalha com os outros no campo, salva uma criança no incêndio, trata as pessoas de modo coloquial e até canta louvores e apreço ao mote do fazer-o-bem. Mas nada disto muda o comportamento das pessoas em favor de sua integração social. Então, ele resolve ir embora, para outra região e deixa as pessoas perplexas. Quando, finalmente, alguém nota a ausência do forasteiro e pergunta por aquele louco, aí as pessoas mudam de comportamento, percebendo a falta que ele faz.

Esta balada é uma verdadeira pérola no meio da lírica do imigrante alemão no Brasil. Sua célula dramática é o papel do outro. O desfecho é uma lição: só com a falta do outro é que se dá a mudança de comportamento. Desta forma, o poeta revela a lição político-social clássica: a freqüente falta de percepção humanística em diferentes momentos históricos.

Os aspectos formais revelam rimas emparelhadas e distintas, inclusive de categoria gramatical variada, o que por si só já demonstra a qualidade do texto. Ressalte-se esta construção rimada e interrompida pelo verso-refrão que imprime um ritmo de balada ao poema. Também é expressiva a escolha dos verbos nos versos intermediários em cada estrofe: forma-se uma seqüência de ações, sendo a última “o ir embora” (em alemão: *hinauswandern*) que dialoga com o verbo “mudar de expressão” (em alemão: *wanden*). A formação muito parecida de ambos os verbos, em que pese seus sentidos diferentes, assegura uma despedida do outro para outro lugar e, de modo semelhante, também pela musicalidade do verbo, uma despedida do modo de pensar daqueles que ficaram.

A repetição do refrão “*Sie aber machten Gesichter*” é outro recurso valioso para denunciar a rotina dos comportamentos automáticos e contribui na quinta estrofe (L13-15) para uma quebra desta rotina, num momento de maior desespero social: um incêndio no vizinho e o salvamento de uma criança. Porém, a rotina social retorna com a repetição do refrão na estrofe seguinte (L15) e imediatamente a substituição deste por outros versos de construção diferente, mas de conteúdo semelhante ao refrão anterior. Nem mesmo anunciando que ele iria embora (L23) e isto no domingo, dia do Senhor, as expressões não mudaram.

O poeta construiu um poema de modo perfeito, pensando cada verso, cada atitude, formulando na mente do leitor uma situação social corriqueira, qual seja, o relativo desprezo pelo forasteiro. Esta situação deve ter sido muito freqüente nas zonas de colonização, quando o imigrante desempenhava o papel de estranho, do outro que em algum momento histórico haveria de se integrar e contribuir para o desenvolvimento de uma nova sociedade. Mais forte do que fazer-o-bem é a ausência daquele que o faz!

## Conclusões:

A lírica de Erich Fausel é composta por poemas escritos de próprio punho e de outros traduzidos. Foi publicada ao longo de sua vida e até mesmo postumamente. Os principais trabalhos são a publicação de *Sonette* e *Gedichte*, ambos em São Leopoldo/RS, pela editora do sogro Wilhelm Rotermund. Além disto, em seu espólio há publicações esparsas e manuscritos que ainda não foram devidamente trabalhados. Nesta lírica predomina o tema religioso, a reflexão sobre o ser humano. Os versos são

bem elaborados, numa sintaxe sugestiva, revelando grande sensibilidade e habilidade na retórica poética.

A lírica de Benno Alfred Aust também reflete os temas da pátria, da saudade, da nova natureza brasileira. Mas surpreende com a poesia engajada, cujo patrono alemão é Bertolt Brecht. Conforme ele mesmo assegura, o poeta quer expressar a verdade “nua e crua” (*nackt und entblösst*), como a encontrou aqui. Com a forma da balada parece inovar e revolucionar a retórica poética entre os imigrantes alemães no Brasil.

Por fim, com estes dois poemas tentamos demonstrar a qualidade da lírica dos imigrantes alemães no Brasil. Por estar escrita em sua grande maioria em alemão, por ter sido publicada em periódicos destinados aos falantes do alemão e por conter uma aura de estereótipos, esta lírica não pôde ser devidamente consumida e analisada pelos estudiosos do gênero, especialmente pelos intelectuais brasileiros. Por isso, impera a necessidade de traduzir mais e mais poemas e oferecer à análise e ao consumo dos brasileiros, pois desta forma ela sairá do esquecimento e terá chance de integrar o conceito mais amplo do cânone literário do país.

## Referências bibliográficas

- AUST, B. A. *Brasilianisches Tagebuch*. São Paulo, Livraria Kosmos, 1961.
- BENN, G. *Probleme der Lyrik*. Limes Verlag Wiesbaden, Düsseldorf, 1951.  
[http://nms.kcl.ac.uk/andreas.recknagel/BennProblemeDerLyrik/Benn,%20Gottfried%20-%20Probleme%20der%20Lyrik%20\(2010\).pdf](http://nms.kcl.ac.uk/andreas.recknagel/BennProblemeDerLyrik/Benn,%20Gottfried%20-%20Probleme%20der%20Lyrik%20(2010).pdf). (12/07/2017).
- FAUSEL, E. *Gedichte*. Ed. Rotermund, São Leopoldo, 1970.
- FELIX, José Luís. *As gramáticas dos imigrantes alemães para aprender português: índices de brasilidade lingüística*. São Paulo, 2004, 564p. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo/USP.
- FLEISCHER, M. *Elos e Anelos*. Da Literatura em Língua Alemã no Brasil. São Paulo/USP, 1981.
- JUNQUEIRA, I. A poesia é traduzível? *Estudos Avançados* 26 (76) 2012.  
<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/47533/51262>. (12/07/2017).

- KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. *Revista Brasileira de Educação*, Set/Out/Nov/Dez 2000 N° 15. 158-176. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n15/n15a10>. (05 e 12/ 07/2017).
- RIBEIRO DE SOUSA, C. A Literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum*, São Paulo V. 19, N. 28, Set-Out. 2016, p. 45-73
- VARGAS, M. T. *Sônia Oiticica: uma atriz rodrigueana?* São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.